

EMI LUARA

**EU LEMBRO E
AOS POUCOS
PROCURO
ESQUECER**

Histórias de mulheres sobreviventes
para além da violência

**EU LEMBRO E
AOS POUCOS
PROCURO
ESQUECER**

EMI LUARA

**EU LEMBRO E
AOS POUCOS
PROCURO
ESQUECER**

Histórias de mulheres sobreviventes
para além da violência



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

2024, Emi Luara Passos de Oliveira. Direitos reservados à autora.

EDIÇÃO E REVISÃO FINAL

Karina Gomes Barbosa

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Gabriely Lopes

Este livro é um produto jornalístico, feito como pré-requisito parcial para a conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto.

A todas que precisaram sobreviver e
àquelas que não conseguiram.

SUMÁRIO

DAS LIÇÕES APRENDIDAS	09
<i>Prefácio</i>	
INTRODUÇÃO	11
<i>Maria da Vila Matilde</i>	
ESTELA	17
<i>Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim</i>	
MARIANA	26
<i>Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180</i>	
HELOÍSA	37
<i>Aquí você não entra mais</i>	
ISABELLA	53
<i>Digo que é mimado, que é cheio de denço</i>	
PATRÍCIA	66
<i>Eu digo que não te conheço</i>	
EMI LUARA	76
<i>Mão, cheia de dedo</i>	
NOTAS SOBRE A OBRA	95
AGRADECIMENTOS	96

DAS LIÇÕES APRENDIDAS

Prefácio

Ao longo desses anos estudando, e sobretudo escutando e acompanhando relatos de mulheres e pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ que sofreram violências de gênero, algumas coisas têm ficado cada vez mais claras para mim. A primeira delas é que cada mulher, cada pessoa, enfrenta de um jeito essas violências; as estratégias de sobrevivência são variadas, da fuga ao silêncio, do mergulho no cotidiano à denúncia. Não há, portanto, jeito certo de sobreviver, e toda maneira de tentar se manter viva é um gesto de extrema coragem.

Diante de tantos relatos, também aprendi que nenhuma pessoa é apenas uma vítima. Sobreviventes de violência podem vergar, sofrer, congelar no trauma. Mas suas vidas não podem nem devem nunca ser resumidas aos atos patriarcais cometidos contra elas, seus corpos, suas subjetividades. Sobreviver é extrapolar o enquadramento da vítima.

A potência do testemunho é outra lição. Se muitas pessoas não creem na justiça, na polícia, nas instituições (e quem as culparia?), creem na potência de serem ouvidas, e mais que isso: de terem seus relatos acolhidos e acreditados. O testemunho é um gesto profundamente humano do jornalismo, que escapa pelas brechas do objetivismo rumo a um verdadeiro compromisso com os direitos humanos.

O livro de Emi materializa todos esses — e outros — aprendizados. Acolhe as histórias de mulheres que sobrevivem, com respeito e cuidado. Demonstra como o jornalismo se beneficia de uma ética testemunhal, por meio de escolhas produtivas, técnicas e estéticas que colocam essas mulheres em primeiro plano.

Esse produto é resultado de sua trajetória nesses anos aqui em Mariana; de seu compromisso com a universidade, com a cidade; de sua disciplina e aplicação, habilidades fundamentais às boas jornalistas; de seu olhar sensível para temas tão delicados e urgentes.

Na obra, Emi realiza, também, uma abertura de si mesma para que possamos acolher seu gesto testemunhal tão forte e honesto, que constrói com essas outras sobreviventes uma comunidade afetiva.

É sempre uma alegria ver emergir da formação em Jornalismo narrativas como essa, que temos em mãos. Nos dá esperança de mudança profunda e duradoura.

Karina Gomes Barbosa

Mariana, outubro de 2024

INTRODUÇÃO

Maria da Vila Matilde

Desde que escolhi o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, o que mais ouvi das pessoas foi: “Que legal! Bacana! Tema importantíssimo! Mas... é bem difícil, né?”

Ao tratar de violência contra a mulher, é usual que a cobertura midiática fundamentada em padrões de gênero conduza a percepção do espectador a uma representação estereotipada das sobreviventes e vítimas, ou a uma interpretação deturpada do agressor. Esse tipo de produção comunicacional auxilia o mecanismo de criação de culpa em torno das mulheres violentadas e uma mistificação de quem é o agressor, como se a vítima fosse “um tipo específico de mulher” e o agressor fosse “um tipo específico de homem”, e como se ambos não pudessem estar aqui, ao nosso lado.

A forma de narrar as diversas violências é diretamente atravessada pelo meio social em que se encontra o veículo, o comunicador e os envolvidos em cada caso. Ela simultaneamente atravessa esse meio.

Esta pesquisa é composta por produto (livro) e memorial descritivo, em que analiso a participação da mídia no processo de exposição e culpabilização das sobreviventes de violência. Faço o possível para que este livro conte histórias não contadas, com ética e compaixão, para que não sejam esquecidas.

Aqui, tento subverter a ordem de raciocínio sexista e, mais que tudo, ouvir sobreviventes. Espero que elas se sintam livres para contar suas próprias histórias, que falem sobre seus olhares e que não sejam reduzidas ao “papel de vítima” na minha forma de narrar aquilo que elas me possibilitaram ouvir.

Enquanto sobrevivente de violência sexual, ainda na infância, pude refletir sobre a minha própria história e desfazer amarras que estavam atadas às minhas feridas por muito tempo. Ao refletir sobre a culpa e a vergonha impostas sobre outras mulheres, pude olhar para dentro de mim e desconstruir a culpa e a vergonha. Contar um trecho da minha história, ao qual muitos que me amam desconhecem, foi um desafio e, ao mesmo tempo, uma necessidade percebida enquanto o andamento do projeto corria.

Maria da Vila Matilde

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo se você se aventurar

Eu solto o cachorro e, apontando pra você
Eu grito: Péguis-ss-ss-ss
Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo se você se aventurar

Eu solto o cachorro e, apontando pra você
Eu grito: Péguis-ss-ss-ss
Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar
Eu mostro o roxo no meu braço
Entrego teu baralho, teu bloco de pule
Teu dado chumbado, ponho água no bule
Passo e ainda ofereço um cafezin
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo se você se aventurar

Eu solto o cachorro e, apontando pra você
Eu grito: Péguis-ss-ss-ss
Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando tua mãe ligar
Eu capricho no esculacho
Digo que é mimado, que é cheio de dengo
Mal acostumado, tem nada no quengo
Deita, vira e dorme rapidin
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo
Dedo, cheio de unha suja
E pra cima de mim?
Pra cima de moi? Jamé, mané!

(Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim)
(Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim)
(Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim)
(Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim) **x4**

Na canção “Maria da Vila Matilde”, Elza Soares, sobrevivente de violência doméstica e sexual, narra o levante de uma mulher contra seu agressor. Assim, nos subtítulos dos perfis, utilizei trechos da música para conectar esse levante às histórias contadas no livro. Cada narrativa se liga à mensagem da canção.

O primeiro capítulo traz a vida de Estela, uma idosa encantadora, esclarecida e comunicativa, que criou uma família com muito carinho e dá título à obra: “Eu lembro e aos poucos procuro esquecer”. O segundo nos apresenta Mariana, uma mulher amável e compreensiva, que usou de estudo e senso de independência para trilhar seu caminho. Em seguida, é hora de conhecer Heloísa, uma jovem adulta livre, perspicaz e apaixonada pela vida, que traz consigo a curiosidade e imaginação, desde a infância. O quarto capítulo é protagonizado por Isabella, também jovem adulta, sonhadora, doce e honesta, que mantém o legado de amor e esforço de sua família. Depois disso, temos o relato de Patrícia, uma mulher divertida, guerreira e cuidadosa, que defende a justiça e busca ajudar o outro. Por fim, o meu relato, Emi Luara, 22 anos, dedicada, engraçadinha, que tenta seguir os exemplos daqueles que ama e ser gentil.

Exceto pelo meu nome, todos são nomes fictícios. Os nomes reais das sobreviventes não serão divulgados para que sua privacidade e segurança sejam preservadas, bem como a não-identificação das pessoas envolvidas em seus relatos.

São histórias fortes de mulheres fortes que tive o prazer de conhecer. Em toda conversa, a sensação de que havia escolhido o projeto correto. Essas vidas me transpassaram e modificaram a minha escuta para sempre. Saio maior desse projeto enquanto jornalista, mulher e sobrevivente. Espero que ele faça o mesmo por quem tiver o interesse em conhecê-las.

ES TE LA

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

“Quando a gente fala coisas que já passou não é difícil, é chato reviver. Porque quando você fala, você está revivendo a situação”. É assim que começa meu diálogo com Estela, uma mulher de 75 anos.

Estela cresceu sendo a irmã mais velha entre cinco crianças e, por isso, tendo muita responsabilidade. Explica que teve um amadurecimento forçado, já que era tratada com mais rigidez pela mãe do que o restante dos irmãos. “Do ponto que eu lembro, eu usei uma certa forma na minha cabeça de anular muitas coisas que eu não gostava, que eu não gostei. Então, eu procurei anular bastante coisa. Atualmente, a minha memória é muito pouca com relação a várias coisas. Vou contar o que, realmente, eu lembro.”

Filha de mãe solo e sem nome do pai em seu registro. Em suas palavras, Estela não teve “uma infância gostosa”. Sua infância foi triste e solitária, pois a mãe trabalhava muito e ela tinha que ficar no “quartinho de empregada”. Lembra que, naquela época, não havia creches que as crianças pudessem ficar o dia todo; não tinha, tampouco, o direito de adentrar a casa dos patrões de sua mãe.

Se em outras casas houve situações diferentes, ela não se lembra. Como o tempo em uma casa específica foi muito ruim, ela tem lembranças que busca esquecer. “Eu conseguia ir para o quintal um pouco, quando a patroa estava trabalhando”, relata.

“Eu lembro e aos poucos procuro esquecer bastante.”

Essa fase durou até os nove anos, quando sua mãe se relacionou com outro homem e elas foram morar com ele. “Ao invés de melhorar, piorou.” Estela conta que a mãe é uma mulher branca, diferente dela, que puxou o tom de pele negro de seu pai, ao qual chegou a conhecer quando mais velha. Foi maltratada e mal cuidada nesse novo ambiente.

“Foi muito ruim. Foi péssimo.” Sofreu diversas agressões e era parte da rotina ter hematomas espalhados pelo corpo. Com violências verbais e físicas, fruto do racismo, o parceiro de sua mãe tentava colocar a culpa de qualquer acontecimento negativo nela, que era apenas uma criança. “Não que a minha mãe permitisse, mas mesmo assim, ele burlava e conseguia. Tudo que era mau era eu”.

Em seguida, sua mãe ficou grávida e teve duas meninas gêmeas. Com o nascimento das crianças, que Estela adorava, ela também assumiu o papel de mãe. Mais dois filhos vieram, de gestações diferentes, e mais uma vez, a saga de cuidar das crianças enquanto crescia.

Quando atingiu os 14 anos, começou a namorar e via no relacionamento uma possível fuga dos problemas. Casou-se aos 16 anos e, nesse tempo, sua mãe se divorciou. Com isso, o marido acabou se unindo não apenas à Estela, mas também à toda a sua família: sua

mãe e três irmãos - uma das gêmeas sofreu uma enfermidade com sarampo e morreu antes de completar três anos. Todos foram morar em uma casa só, o irmão mais novo estava com dois anos.

“É óbvio, ele não tinha obrigação nenhuma em ter feito isso, mas ele fez”, fala sobre o marido. “As coisas começaram a apertar demais, aí sobrou para mim. E começou a vingança, o desconto em mim.”

“O que acontecia de errado, o que acontecia de chato, era eu que pagava.”

Estela ficou grávida rapidamente, sem experiência. Com onze meses de casada, ela estava com os irmãos e a filha nos braços.

Nervoso com a situação, o marido alugou uma casa longe da família dela. Ele bebia muito e tinha duas personalidades diferentes: sóbrio e bêbado. Quando a bebida tinha efeito, ele se tornava violento. “E, como sempre, eu que pagava por tudo.”

Sua mãe teve problemas nos pulmões e precisou ficar um semestre internada e separada dos filhos, que foram todos para a casa de Estela. Nessa altura, ela já estava com o segundo filho, completamente sobrecarregada.

Com agressões recorrentes, sua situação só foi amenizada quando ela reagiu fisicamente à violência sofrida. Em uma noite, o companheiro chegou embriagado dizendo: “Quero minha comida!”. Ela pediu que ele não fizesse barulho, pois as crianças estavam dormindo. Preparou a comida, pôs em um prato e trouxe à mesa. Ele gritou “Ah, é? Olha o que eu faço com essa porcaria!” e lançou a louça em cima dela. Estela limpou tudo rapidamente, sempre pensando nos filhos, e foi para o quarto. “Foi quando eu sentei na cama e ele veio para cima de mim.” Quando ele a atacou, para agredi-la física e sexualmente, Estela declarou:

“Olha, esta é a última vez que você põe a mão em mim. Ou você vai acabar com a minha vida, ou eu vou acabar com a sua. Agora!”

Compartilha que foi necessário se encher de coragem: colocou os pés embaixo dele e o levantou com a força das pernas. Atirado longe, ele caiu no guarda-roupa e bateu as costas nos feixes do armário. “Ele sentiu o baque, aí eu fui em cima, mas eu fui pronta para fazer o que eu tinha dito que ia fazer.”

Nesse momento, com as unhas, para se defender de mais uma agressão, ela tirou pele do rosto e do peito dele. “Eu não sei de onde eu tirei aquela força. Ele ficou com medo

de mim, pegou nas minhas mãos e gritou: ‘Chega, chega, chega, chega! Vamos parar!’”

“Ele já estava todo ensanguentado. E eu senti que ele ficou com medo, aí falei: ‘Chega? Então, chega, né? Acabou essa história? Não vai mais acontecer, né?’ Aí fui no banheiro, lavei as minhas mãos, que tinha pele dele, carne dele, tudo nas unhas. Ele ficou bem arranhado. Eu peguei no rosto e descí, onde eu pude descer, eu fui descendo. Rasguei a roupa dele, tudo.”

“Foi, assim, uma força que veio do ódio todo contido. E a partir de aí, ele nunca mais fez isso. Discutia, continuava naquela vida, mas isso parou. Não fez mais isso.”

A filha de Estela se lembra disso até hoje, mesmo sendo pequenina e estando no berço. O filho dormia, mas a menina acordou e ficou com medo, quietinha. Só contou à mãe que se lembrava desse dia após muito tempo. “Eu achei que ela estava dormindo. E nunca quis comentar isso com meus filhos, nunca incuti nada na cabeça deles, entende? Nada, nada, nada. E muito menos para pessoas de fora, eu não deixava transparecer, não tinha escândalo, grito. As pessoas escutavam uns baques ou outros, porque

sempre tinha. Mas não que eu comentasse ou deixasse transparecer para ninguém.” Ela faz o possível para que isso fique sempre muito distante, ainda mais pelo passar do tempo.

O marido diminuiu a frequência do consumo de álcool e aquele tipo de agressão cessou. Pouco tempo depois, ele estava pescando com alguns amigos e morreu em um acidente. O casamento durou dez anos.

Depois de seis anos, ela conheceu um homem e casou-se novamente. “Aí sim, eu tive o esposo, o cavalheiro, o amigo. Eu tive vida. Muito respeitada, muito amada. Faz quatro anos que o perdi e, para mim, foi ontem. Porque foi muito bom, foi tão bom que eu consegui esquecer muita coisa que passou para trás. Ele fez comigo o que eu sempre sonhei. Eu tive um casamento bonito.”

Acho importante falar que essa é a primeira vez, durante toda a entrevista, que Estela vai às lágrimas. E é impossível não se emocionar também. Fiquei emocionada enquanto ela falava e me emociono novamente ouvindo o material.

Ao tratar dos traumas, ela fala e torna possível compreender: essa parte está no passado. Ao tratar do amor de sua vida, ela fala com emoção, carinho e saudade. Essa parte, sim, está em seu presente e provoca choro.

“Um homem que tocava em mim com leveza, com muito carinho, com muita atenção. Era um cavalheiro, sempre foi. Cuidou de mim, cuidou dos meus filhos, foi um pai maravilhoso para os meus filhos e um avô para as minhas netinhas.”

“Ele é o meu amor. É. Não era, não. É. Apesar de muitas coisas chatas, eu tenho muito a agradecer a Deus, agradecer à vida, porque eu tive a oportunidade de ser feliz e eu fui! E eu continuo sendo, apesar de ele não estar do meu lado, porque ele pensou muito em mim e pensa até hoje, ele me deixou tranquila, ele não me deixou com sofrimento, ele me mantém até hoje, graças a Deus.”

Com o amor de sua vida, ela teve mais uma filha. E, nesse momento, agradece a Deus pela vida dos filhos e, até mesmo, ao seu primeiro esposo, por ter deixado a riqueza que é sua família. “Você vê que eu não falei com rancor nenhum, apesar de tudo, porque eu acho que com o melhor fui eu quem fiquei: meus filhos. São os filhos com quem eu conto até hoje, para tudo que você possa imaginar. Ele foi importante, apesar desse lado não tão bom, ele me deu dois filhos, que são maravilhosos.”

Para Estela, tudo na vida vale a pena, só precisamos saber aproveitar o que há de bom. “O que é de ruim acontece na vida das pessoas, né? A nossa vida é cheia de várias coisas, mas acho que a gente deve dar mais ênfase nas coisas boas. Se você tiver que chorar, você chore de alegria e não de tristeza. E, hoje, talvez eu tenha me emocionado muito em falar, geralmente acontece isso, mas não é de tristeza, porque eu sei que a vida tem começo, meio e fim. É pelo fato que eu queria ter tido mais, mas não foi possível, então, eu fico contente com o que teve. E é isso, minha linda.”

Estela comenta que chegou a ter contato com seu pai biológico, por cinco ou seis anos antes da morte dele. Não quis colocar o nome na documentação, pelo excesso de burocracia. “Mas não tenho mágoa nem tristeza nenhuma em relação a isso, são coisas da vida. Às vezes os adultos fazem sem pensar e descontam em quem não tem que pagar. São coisas que a gente não muda e segue-se em frente.”

Uma das netas de Estela esteve presente durante o nosso diálogo e foi possível perceber o carinho entre elas e a sensibilidade transmitida de geração em geração. Pelo que conheci de Estela, muito disso advém da sabedoria, compaixão e iniciativa em não perpetuar padrões de violência ao longo do tempo, mas em seguir em frente.

MA RIA NA

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180

“Eu acredito que o que aconteceu na minha vida foi retrato da minha infância. Quando eu olho para a minha infância, o meu pai agredia a minha mãe. Era agressão verbal, física... A gente convivia sempre com aquele tumulto, naquela confusão: meu pai jogando prato, agredindo a minha mãe, quebrando coisas, a gente indo dormir chorando. A gente tinha muito medo dele. Antes de ele chegar em casa, todo mundo já estava deitado na cama para não ter contato.”

Com quatro irmãos, nascida em uma cidade do interior do Nordeste, Mariana conheceu desafios impostos pela sociedade desde os primeiros dias de vida. Ela sempre teve em mente um padrão de homem explosivo, violento e abusivo, por ter crescido em um lar onde esse comportamento era normalizado.

Mari, para os íntimos, foi uma criança criativa e comunicadora. Ainda que muitas situações de agressão fossem vistas como normais no ambiente em que cresceu, ela pensava em uma vida diferente.

Os pais moravam em uma zona rural, onde as fofocas se espalhavam rapidamente pelos sítios da região. Ela lembra que, aos 14 ou 15 anos, perdeu sua virgindade e, antes mesmo que pudesse contar para alguém, a família já estava ciente e realizou uma reunião para expor e julgar a situação. Marcaram também um encontro com a família do rapaz com quem tivera relações.

Mariana não se sentia pronta para ter sua primeira relação sexual, e as frases ditas pelo rapaz também da-

vam a entender que ele só estava interessado por pressão alheia. Ele repetia: “Eu tenho que fazer”. Além disso, para pressioná-la, afirmava: “Se eu não fizer com você, outra pessoa vai fazer, uma hora ou outra”, tentando convencê-la de que seria melhor ter essa experiência com ele.

“Ele acabou forçando uma situação comigo, que eu não queria. Eu me senti indefesa.”

Depois do ato, que foi em um lugar afastado, com muito mato, ela viu que seu irmão mais velho estava próximo ao local, o que foi extremamente traumático, por não saber se ele poderia ter visto algo ou não.

Ela fugiu de casa. Se mudou para a casa do rapaz e lá sofreu mais violências. O primo dele passou a abusar sexualmente dela. Como era muito nova, ainda não entendia a gravidade das situações, e também não tinha acesso a estruturas jurídicas ou sociais que pudessem ajudá-la.

Ao formar-se no Ensino Médio, Mari viu a oportunidade de se afastar de tudo aquilo e encontrar um futuro melhor. Passou em uma universidade pública e foi cursar Turismo na capital de seu estado. Ainda assim, continuou em um relacionamento à distância com o rapaz.

Depois de algum tempo, incomodada com a situação, pediu para encerrar o namoro. Viu em si mesma uma mulher mais livre, podendo sair, relacionar-se com outras pessoas, estudar e viver da maneira que gostaria.

Conheceu um homem, no meio acadêmico, e passou a se aproximar dele. “Ele tinha atitudes muito controladoras. Ele falava que as minhas amizades não prestavam, que a fulana era falsa, que a outra não gostava de mim, e foi afastando todo mundo da minha vida, até que eu me vi somente namorada dele, amiga dele e de mais ninguém.”

Com o tempo de relacionamento, o homem passou a compará-la com outras mulheres, a ter ataques de ciúmes e comportamentos extremamente violentos. Certo dia, ela estava na internet vendo o perfil de uma mulher com quem ele a comparava. Ele chegou em casa e quis checar o que Mariana estava fazendo, mas ela teve vergonha de mostrar. Pensando que era algum outro homem, ele partiu para cima dela e a agrediu com empurrões e um murro na boca.

“Eu liguei para a polícia, liguei para a minha família e nem lembro o que falei com a polícia, de tão desnorteada que fiquei.”

Ao conversar com o namorado sobre o ocorrido, Mari compreendeu que ele não mudaria de postura e continuaria agredindo-a. Ela até tentou dar mais uma chance, mas quando perguntou: “Você se arrepende do que fez?”, “você entende a seriedade disso?”, ele não respondia, apenas ignorava. Então, Mari terminou o namoro e lembra de se perguntar: “Será que o amor é assim, será que todo homem é assim?”.

Anos depois, Mari começou a estudar para concursos e a focar mais em seu desenvolvimento profissional. Terminou a graduação e passou a economizar. Em 2020, passou em um concurso público para trabalhar no IBGE. Teve que economizar por um bom tempo para conseguir estabilidade financeira e, além disso, precisou arcar com dívidas que o ex-namorado fez em seu nome.

“Comecei a estudar e buscar autoconhecimento, fui vivendo minha vida. Era estudar, trabalhar, estudar, trabalhar”, explica.

Ela teve outros relacionamentos e foi, aos poucos, colocando em prática tudo o que estudou, sobre feminismo e os direitos da mulher. Esteve em um relacionamento que a introduziu à espiritualidade, trazendo novos ares à sua rotina.

Ela se mudou para a região Sudeste, conheceu pessoas e trabalhou muito. Por meio de novas amizades, aproximou-se de um rapaz e começou um relacionamento, que desde o primeiro momento se mostrou problemático. Entretanto, por gostar muito do sujeito, Mari acreditava que conseguiria mudá-lo e fazê-

lo menos violento.

Ela conta, emocionada, que esse namorado diminuía seu trabalho, suas conquistas e seus triunfos. Conta também que ele a humilhava perto de amigos, então, ela tentava conversar e conscientizá-lo. Ele pedia perdão e depois repetia tudo de novo, em um ciclo vicioso de violência.

“Ficava muito humilhada, me sentia diminuída, me sentia um ponto minúsculo no universo.”

Mariana começou a perceber que eram os mesmos comportamentos que seu pai cometia com sua mãe e as mesmas violências que seu ex-namorado praticava contra ela. Ele começou a beber, chegava em casa alterado e misturava remédios com álcool. Mari passou a trabalhar, limpar a casa, fazer a comida e não ter um minuto do dia só para ela.

Ele falava que ela vivia tentando controlá-lo, enquanto ele não gostava que ela colocasse os pés na rua. Dizia que ela era louca e precisava de terapia, enquanto ele vigiava cada passo que ela dava.

Fizeram terapia de casal e ele quis terminar, porque alegava querer “ser livre”. Ele, que não permitia que ela tivesse amigos ou fosse a lugares sem a sua companhia,

queria ser livre. Após o término, Mari se viu sem chão pela dependência emocional e voltou para a casa dos pais.

“Eu fiquei muito mal. Não conseguia estudar, não conseguia mais emprego na minha área. Eu só pensava: ‘O que vai ser da minha vida?’”

Ainda na casa dos pais, Mariana percebeu que a família não queria que ela fosse embora. Acredita que a mãe pode ter ficado traumatizada com sua saída precoce do lar.

Mesmo compreendendo o lado da mãe, ela orou e pediu a Deus que pudesse ir para outro lugar, que tivesse uma oportunidade de mudar de vida. Tentando dar um basta na situação, enquanto usava o computador para estudar, Mari abriu um site de passagens. O portal dizia, logo de cara: “PROMOÇÃO IMPERDÍVEL, COMPRE AGORA!”

Assim, ela comprou uma passagem de volta para o Sudeste e tinha que partir em três horas. Arrumou suas coisas, conversou com a mãe e foi, na cara e na coragem. Ficou apenas duas semanas na casa da famí-

lia. Quando voltou, começou a trabalhar e se reerguer.

Ao descobrir que ela estava de volta à cidade, o segundo ex-namorado começou a insistir para que ela voltasse com ele, fez promessas e afirmou ter mudado. Reataram o relacionamento.

Ele continuou com os mesmos comportamentos, escondendo coisas, maltratando-a e fazendo manipulações e chantagens psicológicas. Dessa vez, ela não deu terceiras ou quartas chances, terminou.

No dia seguinte, Mari conheceu um homem totalmente diferente dos outros. Ele era perfeito, tinha os mesmos interesses e gostos que ela. Se dizia também um homem consciente das questões sociais. Ele cozinhava comidas vegetarianas para ela e não consumia bebidas alcoólicas.

“Ufa! Ele nunca vai fazer comigo o que os outros fizeram. Ele é diferente.”

Ela via uma boa pessoa naquele homem, contudo, pessoas próximas a ele alertavam-na sobre seu jeito explosivo. Ela não conseguia entender, como um homem tão bom e calmo tinha tantos rumores sobre ser violento?

Como ele tomava remédios para transtornos psicológicos, Mari buscava ajudá-lo, e ele usava isso para mantê-la por perto. Falava constantemente sobre suicídio e sobre como iria se matar se algum dia ela pensasse em deixá-lo. Ela o via como uma vítima, alguém frágil e delicado.

Diferente dos outros homens agressivos, ele cometia violências de forma sutil. Não surtava, mas ameaçava de forma calma. Não agredia, mas deixava claro seu poder sobre ela. Ainda não tinha tirado sangue, mas tirava algo igualmente grave, sua dignidade.

Certo dia, ele tentou pegar seu celular para ver com quem ela estava conversando. Era um rapaz que morava em uma fraternidade da região, ele estava falando com ela sobre seu trabalho, parabenizando-a por suas conquistas profissionais.

O namorado começou a responder o rapaz e ameaçá-lo, dizendo que ela tinha namorado e que não deveria conversar com outros homens. Ofendeu o outro e disse que ia até lá para “tirar suas tripas”.

Quando Mari tentou ir embora, ele surtou, fechou a porta do quarto e começou a chorar. “Você sabe que eu amo você. Você sabe que só eu te amo assim”, ele dizia. Ela respondia: “Isso não é amor”. Ela já havia se perguntado se isso era amor. Agora, sabia que não era, não tinha como ser.

Enquanto Mari tentava ir embora, ele jogava suas coisas para fora da casa. Ela tentava acalmá-lo, mas ele

começou a ter falas xenofóbicas, fazendo piadas sobre seu sotaque nordestino e seu modo de falar: “Aqui a gente não fala assim! Fala direito!”.

Pouco tempo atrás, ele – que era jornalista – havia realizado a cobertura de um caso de feminicídio na região. No trabalho, mostrava-se comovido com a história da vítima, mas enquanto Mari tentava sair, ele usou o caso para dizer: “É por isso que essas mulheres morrem. Vagabundas”. A feriu verbal e fisicamente.

**“Teve um momento que eu
achei que ia morrer.”**

“A minha avó por parte de pai aturou um relacionamento violento, com um homem que bebia muito. A minha mãe segurava as pontas lá em casa. A gente aprende a ver isso como um modelo de homem ou de mulher”, explica Mari.

A mãe desse namorado agressor sofria violência sexual. Ela era indígena e sofreu estupros ao longo da vida. A violência também era naturalizada e tratada como algo normal.

Mari correu. Saiu de pijama, à 1h da manhã, com suas coisas nos braços e fugiu daquele homem.

Ele a perseguia depois da agressão, ia aos lugares em que ela estava e fazia até os seguranças pensarem que ele estava armado. “Se eu estivesse armado, eu atirava!”, gritava.

Depois de ameaças, perseguições e tentativas de se aproximar de pessoas próximas a ela, Mari decidiu tomar algumas providências. Ela solicitou uma medida protetiva e ele foi notificado judicialmente. Hoje, o caso corre na Justiça.

Ela buscou abrigo em mulheres que lidavam com gênero e violência. Em contato com essas mulheres – advogadas, psicólogas, estudantes – ela começou a questionar o que poderia fazer para que mais mulheres não enfrentassem o que ela passou.

Mari decidiu fundar uma iniciativa para auxiliar mulheres sobreviventes de violência. Ela passou a fazer, com outras profissionais, lives, rodas de conversa e debates para ensinar mais pessoas sobre a gravidade do tema. Além disso, há produção de vídeos e materiais didáticos, tanto para ajudar mulheres quanto para instruir homens à conscientização.

Atualmente, Mariana é líder de um projeto que auxilia mulheres em situação de violência e vulnerabilidade. Ela também trabalha no IBGE e consegue colocar em prática suas aptidões relacionadas à comunicação, criatividade, curiosidade e pesquisa, que possuía desde a infância.

HE, LOÍ SA

Aqui você não entra mais

“Não é um lugar do qual você espera que aconteça, que vá vir uma violência desse tipo. Isso porque era uma violência que seguia um padrão de heteronormatividade. Você vê que tem uma relação estranha, de desrespeito, mas é muito difícil categorizar como abusivo.”

Heloísa, desde a infância, tinha uma personalidade fácil e leve, brincava sozinha, tranquilamente, mas não tinha problema algum em socializar e fazer amizades. Ao entrar em uma escola ou ambiente diferente, tinha facilidade de se adaptar.

Ela vê isso, atualmente, como algo positivo e perigoso ao mesmo tempo. É importante ter estímulos da família à independência, mas também é necessária a supervisão para que essa independência, muito cedo, não se torne negligência. “Eu escutava bastante ‘ela dá conta sozinha’ e fui adultizada muito cedo, então, isso tudo fez com que eu fosse considerada madura muito rápido, o que dá uma falsa sensação de controle.”

Algo que também a acompanha, desde pequena, é a argumentação. Seus pais contam que ela não abaixava a cabeça facilmente e não aceitava “porque sim” como resposta. A pequenina tentava entender os mínimos detalhes e expor sua opinião sobre as coisas.

No terceiro ano do Ensino Médio, Heloísa chegou a uma nova escola, sem conhecer muitas pessoas. Por ser uma “nerd do fundão”, ao mesmo tempo em que estudava e se preparava para vestibulares, também tinha disposição para desenvolver novas amizades.

Nesse período, além da mudança de colégio, ela também estava passando por descobertas em relação à vida e sexualidade, entendendo-se bissexual ao mesmo tempo em que vivia um relacionamento com um homem. Assim, se aproximou de um grupo de meninas na escola e passou a formar dupla com uma delas, no mapa de sala.

Com essa amizade, ela entendeu que poderia ter uma atração por mulheres, que até então não era reconhecida. Ao mesmo tempo, sua nova amiga acompanhava os problemas que ela estava tendo no relacionamento, como discussões e comportamentos tóxicos, visíveis até mesmo pelo celular de Heloísa.

“Ela era extremamente carinhosa e atenciosa. Eu estava recebendo um tipo de afeto e cuidado que eu não tinha na minha relação fazia meses. Era muita briga, muita discussão, uma cobrança excessiva.”

Durante o tempo da relação, existia um comportamento doentio que parecia vir das duas partes: “Chega uma hora que você começa a agir igual, começa a reagir e você se vê num lugar em que está igual à pessoa”. Foi só no fim do relacionamento que Heloísa passou a entendê-lo como abusivo, já que o comportamento problemático vinha apenas de seu parceiro.

Ao tornar-se próxima da colega de sala por quem descobriu uma atração, Heloísa impôs limites. “Desde sempre, eu falava para ela que não queria algo sério, que se ela sentisse algo, era para falar.” Mesmo que seu relacionamento estivesse em crise, ela reforçava que não queria pular para outro e que se fosse terminar com o namorado, não terminaria por conta de uma pessoa, mas pelo estado da própria relação.

Ainda tentando salvar o namoro, Heloísa passava muito tempo conversando com o rapaz e ele fazia o mesmo. Nessa época, era como um parasitismo de codependência. Ela realça que sua amiga foi desenvolvendo uma percepção do relacionamento a partir de um recorte do que percebia de Heloísa. “A pessoa sabe o seu lado e o que você está sentindo, mas não tem acesso a um geral. Você fala do que a pessoa fez para você, mas acaba que você sabe também o que fez de volta para estar naquela situação. Tem isso, né? De dois lados, de você não colocar limites ou de você também ultrapassar ali, tem a sua parte nisso.”

Heloísa já havia vivenciado um relacionamento abusivo, bem novinha. Enquanto ela conversava com o parceiro

por mensagens de texto, a então amiga usou um outro desabafo dela para chamar sua atenção. Ela disse: “Na sua primeira relação, você não gostaria que alguém tivesse te avisado que você estava em um relacionamento abusivo? Estou te avisando agora, você está na mesma relação e se não terminar, você sabe onde você vai acabar”.

“Vindo para cá [entrevista] foi o único momento em que eu parei para pensar nisso. Quando você fala: ‘Cara, não tem um começo. Onde está o começo? É no dia em que eu conheci essa pessoa? Não é. É em outro relacionamento? Não é. Fica até difícil de identificar.”

Heloísa, em uma fase de fragilidade e vulnerabilidade, aceitava qualquer apontamento externo como verdade absoluta e, de forma brusca, a opinião causou uma confusão em sua mente. Decidiu terminar o namoro e compartilhar suas angústias e questões com o garoto.

“Eu abri a minha sexualidade para ele e ele surtou. Foi o momento em que eu tive que acolher ele. Ele começou a chorar horrores e falar que eu ia terminar com ele, que eu odiava ele e que ia ficar com aquela amiga.” Além de se sentir culpada pela reação, ela também precisava reforçar que a amiga havia sido apenas objeto de desejo naquele momento, mas não chegava nem perto de ser um dos motivos pelos quais o compromisso deveria acabar.

Ele se colocou em um lugar de vítima da situação, o que fez com que Heloísa não conseguisse terminar de vez. Ela deu mais uma chance, mas pouco tempo depois, ficou com a amiga em uma festa e, no mesmo momento, o contatou para expor a situação, admitir traição e terminar tudo.

“Eram duas situações simultâneas, ela de um lado falando que ele era um babaca, ele do outro, e eu pensando: é o meu relacionamento, me deixa terminar.” Vendo-se dividida, Heloísa encarou dias tentando encerrar a relação, sendo julgada e pressionada pelos dois lados.

Ainda tentando se desvencilhar da toxicidade, ela passou três meses ouvindo condenações do namorado e questionamentos sobre sua orientação sexual, recheados de preconceitos. Foram os três meses em que ela teve crises de choro todas as noites por várias horas e, mesmo que estivesse aprendendo sobre feminismo e militâncias na nova escola, sua cabeça ainda carregava culpa, ela gostaria de poder arrancar sua sexualidade das entranhas, junto à angústia sentida.

“Chegou um momento em que pensei: ‘Se eu não terminar com ele, vou me matar. E eu não quero chegar nesse ponto’. Tinha muito medo de me matar e isso fazia com que eu escolhesse pela minha vida: não querer morrer.”

Assim que ela conseguiu verbalizar que não aguentava mais e que continuar era inviável, o discurso dele mudou. O namorado fez questão de mostrar o quanto era compreensivo com a situação e que eles poderiam dar um jeito naquilo juntos. Tudo o que passava pela cabeça dela era: “Como eu vou terminar com ele agora? Agora que ele entendeu, está aqui, falando que vai prestar toda a ajuda e suporte”.

“Eu falava que tinha traído ele e ele respondia que estava tudo bem e que me perdoava. Eu falava que nós precisávamos terminar, porque ele estava se submetendo àquilo, ultrapassando todos os limites dele, e eu os meus. Ia chegar uma hora em que nenhum dos dois existiria mais. Foram quatro dias inteiros para conseguir terminar, porque ele tinha crises e chantagens de suicídio. Ele socava a parede, virava, chorava com muita raiva.”

Em seguida, ele disse que ia sumir no mundo, desaparecer. Ele já havia feito isso e o caso apareceu até na televisão. Por certo período, ela ficou refém disso, mas teve forças para terminar e começar a seguir seu caminho.

Dá em diante, se permitiu o envolvimento com outras pessoas e, dentre elas, a amiga que a encorajou a terminar desde o início, mas tudo era casual, pelo menos para ela, já que ficou sabendo por outras pessoas que a colega espalhava outras versões da história. Em um comportamento similar à marcação de território, a garota falava (e inventava) em rodas de amigos o que fazia ou deixava de fazer com Heloísa e impunha que ninguém deveria se interessar por ela, já que as duas estavam juntas, na cabeça dela.

“Eu falava que estava solteira e ia ficar com quem quisesse, mas a gente [Heloísa e suas colegas] tinha que lidar com a raiva dela constantemente. Ela vivia fechando a cara de ciúmes, ficava puta e saía da sala. Aí iam nossas amigas atrás dela para conversar e tentar entender.”

As pessoas começaram a perguntar se as duas estavam namorando, ou gostando uma da outra. Heloísa conversava com ela e a resposta era sempre a mesma: que não tinha interesse romântico e que não falava sobre ela para ninguém. Mesmo assim, vinham diariamente contar coisas absurdas que a garota estava espalhando.

Solteira, Heloísa começou a conversar com um garoto da escola. Eles já tinham demonstrado interesse um pelo outro, o que fez com que a então amiga tentasse minar qualquer aproximação.

Em um rolê na casa de uma amiga em comum, Heloísa e o rapaz ficaram juntos, entraram em um dos quartos e ficaram conversando por algum tempo. A garota entrou no quarto, com cara de brava, e saiu pisando alto.

Ela começou a usar mecanismos para atrapalhar a vida de Heloísa. Passou a fazer, de propósito, coisas que ela sabia que causariam irritação, disseminar falas para causar incômodo e exposição e, principalmente, atrapalhar o cotidiano. Se Heloísa estava estudando, ela ficava dando cotoveladas para provocar riscos no caderno; ou se estava conversando, falava por cima e tentava tirar o foco.

“Ela sabia da minha boca que eu não queria um relacionamento. Eu falava para todos e para ela que eu ficaria com quem quisesse, porque estava solteira. Com quem eu queria ficar, eu ficava, então, na prática não estava limitando, mas tinha um movimento para tentar.”

Heloísa se afastava nos momentos de provocação e tentava, ao máximo, evitar conflitos. Até que em uma conversa das meninas, no intervalo das aulas, alguém comentou que Heloísa estava com o garoto, eles estavam apenas conversando. Ao ouvir isso, a garota disse que deveriam deixá-la para lá, já que estava “com o pau dela”. Imediatamente, foi repreendida por algumas pessoas e essa fala chegou até Heloísa, que decidiu naquela hora cortar qualquer tipo de relação.

Como a saída do último namoro havia sido relativamente recente, Heloísa percebeu que essa era a melhor decisão, para não cair novamente nesse tipo de toxicidade. Assim, o comportamento da ex-amiga passou a irritar Heloísa, que se afastou, mas não falava

disso para as pessoas, justamente para não fomentar a sede de atenção que a garota parecia ter e não causar mais exposição.

Heloísa pensava também no psicológico da garota (que, assim como seu ex-namorado, falava sobre suicídio e depressão) e não expunha detalhes do comportamento problemático para mais ninguém, apenas desabafava com o garoto de quem havia se aproximado e com uma amiga mais íntima. Outros não entendiam a gravidade da situação, já que a garota parecia tentar convencer as pessoas de que as duas tinham um relacionamento e ela tinha sido “trocada por um pênis”, em sua visão repleta de bifobia internalizada.

“Era preciso cortar pela raiz. Ela chegava na roda, e eu saía. Era uma época em que eu chegava na escola acabada, porque ainda estava lidando com o ex-namorado e passando pela mesma situação mais uma vez.”

Eram todos amigos, ou pelo menos conhecidos na escola, então, Heloísa conseguia transitar entre diferentes grupos e conversas para estar longe da garota.

Como havia experienciado um namoro abusivo, Heloísa acompanhou um movimento de denúncias contra o primeiro ex-namorado e outros homens da cidade nas redes sociais, pouco tempo após sua formatura do Ensino Médio, mas sem se envolver. Ao ver que a tal garota estava utilizando essas denúncias para apontar atitudes problemáticas e criticar pessoas – que tinham o mesmo comportamento que ela –, Heloísa sentiu ódio da hipocrisia e chegou a seu limite.

Após tornar o caso público, ela organizou, sem planejar, outro movimento de denúncia, em que pessoas surgiram com variados relatos e experiências pessoais de abuso e perseguição praticados pela ex-amiga. Formou-se uma espécie de dossiê, com narrativas e testemunhas da violência praticada. A garota se pronunciou e mais pessoas surgiram, identificando as inconsistências no discurso divulgado por ela.

Dentre as mensagens recebidas, que expunham violências de gênero, uma pessoa comentou que a garota falava em alto e bom tom sobre Heloísa em conversas: “Ah, eu já fiz ela gozar muito”. Isso fez com que Heloísa lembrasse de quando estava no banheiro de uma festa, já muito bêbada. As duas estavam se beijando e a então amiga abaixou as calças de Heloísa e forçou atos sexuais, enquanto Heloísa pedia que ela não o fizesse. Por fim, mesmo alcoolizada, tirou forças de onde não tinha, fechou a cara e impôs que ela parasse, falando para chamar um carro de aplicativo. Ela lembra que a garota sabia manipulá-la tão bem que começou a inverter a situação e agir com indignação em relação a suposta grosseria de Heloísa, que não co-

mentou com ninguém na época.

Além de tentar se esquivar de outras acusações, a garota também expôs detalhes da vida pessoal de Heloísa na internet, como informações sobre seu último relacionamento e a traição que aconteceu. Ela seguiu difamando Heloísa e o rapaz com quem Heloísa ficou na época da escola por um bom tempo, entretanto, poucos acreditaram na versão dela, já que outras pessoas se levantaram contra essa narrativa.

“Ela não se aguentava e alfinetava meu ex, tentava expor detalhes dele e da minha sexualidade. Mas acabou que ela mentiu tanto e inventou tantas coisas, que as pessoas nem davam credibilidade. Eu me pergunto se ela só mentia ou se acreditava nas mentiras que inventava.”

Com a idade e o tempo, Heloísa compreendeu, recentemente, que a adultização e sexualização sofridas na infância tiveram grande influência em sua forma de

ver o mundo e interagir com as pessoas. Ela relata que, há pouco tempo, vem assimilando o funcionamento de uma relação sem exploração; a sexualidade como algo além de uma moeda de troca nas relações e o autoconhecimento na elaboração de questões pessoais.

Ela, inclusive, chegou a se relacionar com o segundo ex-namorado novamente, no meio de toda essa confusão. Porém, o reconhecimento de atitudes tóxicas e os aprendizados que vieram com as experiências tornaram mais fácil o processo de estar atenta às armadilhas psicológicas e desvencilhar-se delas.

“O abuso vem de várias formas, mas como não é do mesmo jeito que o último, é difícil identificar, porque não é igual. Para mim, não sendo o que eu vivi no meu primeiro relacionamento, não era abuso. E eu era muito nova também, então, não tinha essa maturidade.” Ela partilha ainda que, antigamente, esperava das outras pessoas e demandava algo delas: que elas mudassem, que cuidassem dela, que a tratassem bem. Atualmente, reconhece seus limites e compreende que eles devem partir dela.

“Hoje eu entendo que a gente sabe o nosso limite. Se eu estou falando que não aguento mais, que chegou ao meu limite, mas me mantenho lá, é porque ainda não chegou. Quando chega ao limite, a dor de mudar não é nada, ela vira o seu caminho.”

Ela se vê em um movimento trabalhoso para não se deixar definir por essas experiências, pois já sentiu que todas as suas relações teriam traços abusivos, tanto pelo comportamento de outra pessoa quanto pelas suas próprias atitudes. “Isso de não falar algo que esteja te incomodando é tenso, porque quando você não coloca o seu limite, ele está sendo violado, mas a pessoa não sabe que ela está violando. Você passa a se colocar numa posição de passividade, de vítima. Não falo numa questão de culpabilização da mulher, mas de entender as responsabilidades. É aprender a não passar por cima das coisas, não colocar como se já estivesse resolvido, mas conversar sobre. Quando você não fala, não dá para a outra pessoa saber e, assim, o que ela fizer pode se tornar violento para você.”

Agora, Heloísa é estudante de Psicologia e, fazendo jus às suas raízes de criança questionadora, conta que tem um espaço seguro em que pode estimular a discussão e o senso de crescimento coletivo, seja em sua faculdade, família ou outros ambientes.

“Mesmo que não tenha esse espaço, eu crio. Deixar de falar porque você acha que ninguém vai entender é um movimento muito perigoso, você vai se colocando em posições vulneráveis sem perceber. Fale com as pessoas, aceite ajuda, mesmo que você não tenha pedido, mas fale e escute sobre. É se responsabilizar pelo que você vai fazer com isso de agora em diante, ao invés de se culpar pelo que aconteceu. É uma virada de chave quando você fala: o que fizeram de você não te define, mas o que você vai fazer com o que fizeram de você? E isso é só com você mesmo e com o apoio das pessoas à sua volta, porque tudo é uma questão coletiva”, finaliza.

Hoje, mesmo que Heloísa não tenha proximidade ou qualquer contato, sabe que a pessoa que cometeu atos de violência para com ela é um homem trans. Na contação e redação do relato, toma-se a perspectiva da sobrevivente, que apenas conheceu o agressor antes da transição de gênero, enquanto uma figura socialmente vista como feminina.

ISA BEL LA

Digo que é mimado, que é cheio de denço

“Eu fui avisada e talvez tenha ignorado o aviso ou pensado que isso nunca aconteceria comigo.”

Ao enviar o currículo para uma seleção de estágio em um órgão público, Isabella foi alertada sobre o comportamento predatório de um funcionário. Muitas mulheres que passaram pela instituição comentavam que era preciso tomar cuidado com o homem e não dar sorte ao azar, mesmo que ele fosse casado e pai de família. “Sempre falaram, mas na necessidade do dinheiro e na procura de oportunidades de trabalho para experiência, eu fui.”

Quando ela começou o período de estágio, o funcionário, que tinha alto cargo, estava de férias. Passou-se um mês sem que ela sequer o encontrasse. Quando ele voltou, em uma pequena reunião, eles se conheceram e ela sentiu que ele parecia tranquilo.

Trabalhando em um setor menor, de início sem muitas demandas, Isabella realizava coberturas de eventos na cidade. Em um desses eventos, uma colega de trabalho também a alertou para que tomasse cuidado com o sujeito, e Isabella respondeu: “Sim, sei, já me falaram... Mas, por enquanto, nada, nunca mexeu comigo. Acho que está tranquilo em relação a isso, mas estou sempre atenta”.

A menina, mais uma vez, chamou sua atenção à gravidade das preocupações: “Estou te falando porque é um evento noturno... e ele está lá no camarote, com bebida à vontade para todo mundo da equipe. Então, só toma cuidado e não bebe muito”. Ela seguiu as orientações e, quando no final do evento ele ofereceu

carona, ela e a amiga trocaram olhares e apenas agradeceram, recusando a oferta.

No dia seguinte, no trabalho, a equipe ficou sabendo que ele havia arrumado briga com seguranças do evento, mas não sabia-se o motivo.

“Lá dentro, ele ficava longe e nunca foi de encostar em mim, nunca mexeu comigo. E acabei pensando: ‘Ah, não é tudo isso que falam’. Foi assim por meses.”

Isabella passou a integrar a equipe no final de agosto. Até que em uma confraternização de fim de ano, em dezembro, ele estava bebendo e ela percebeu que as pessoas mantinham uma distância segura quando isso acontecia. O funcionário parecia bem, mas logo desapareceu e foi embora mais cedo. Pessoas da equipe comentaram que ele estava sob efeito de drogas, mas Isabella não sabe se isso é verdade, pois não viu ele utilizando algo do tipo. Na ocasião, ele chegou a conversar com ela por pouco tempo.

Quando chegou em casa, Isabella se assustou com a quantidade de notificações no celular. Ao checar, se deparou com curtidas dele em muitas de suas fotos no Instagram, em todos os seus stories daquele dia e em

todas as publicações recentes. Sua primeira reação foi tirar um print das notificações, não faria algo com aquilo, pois nada havia acontecido, mas caso acontecesse no futuro, teria essas imagens.

No outro dia, ele não falou nada sobre isso, apenas de um evento que aconteceria na cidade. Ressaltou que havia uma cadeira disponível na mesa da equipe e que ela poderia ir. Já na cerimônia, a primeira coisa que ele fez foi cumprimentá-la com um abraço e dizer que ela estava muito bonita.

Nesse mesmo evento, a equipe foi premiada e convidada a subir ao palco. Ela disse que não havia necessidade de ir junto, já que era estagiária e tinha acabado de chegar ao ambiente de trabalho. Ele respondeu: “Vai sim”. Ela os acompanhou. Estavam todas as mulheres de vestido e salto, mas a única pessoa que ele fez questão de ajudar a subir ao palco foi Isabella. “Eu pensei: ‘Ah, eu estava mais perto’. Sempre era algo do tipo: ‘Ah, não. É outra coisa.’”

“Eu achava uma desculpa para o que estava acontecendo, sabe? Não sei, sempre gosto de pensar que as pessoas são boas, que nada nunca vai acontecer comigo, que essa pessoa não está fazendo por mal.”

Algumas semanas após essa confraternização, a equipe marcou de ir a um rodízio, para comer pizzas e beber. Ao chegar, ele fez outro comentário sobre ela estar linda. Isabella ainda não havia contado às colegas sobre as outras investidas, até porque tentava não vê-las com maldade.

Naquele dia, ela ficou apenas na cervejinha, enquanto o homem ofereceu a uma amiga um whisky com energético e gelo de coco. A amiga disse que não aguentaria tomar sozinha e pediu que Isa dividisse com ela. Em certo momento, alguém do time sugeriu que todos tomassem tequila.

Ao sair do estabelecimento, eles seguiram para um bar. Ela explica que já estavam bêbados, mas ela se sentia bem mais, por ter misturado várias bebidas. “O que aconteceu no bar eu lembro muito pouco, lembro de estar lá e o pessoal ter começado a cantar no karaokê. Em uma hora, a galera estava cantando e eu estava sentada conversando com ele, numa boa. Até que ele virou para mim e falou: ‘Nossa, eu queria muito te dar um beijo hoje’. Eu disse: ‘Não, não quero, obrigada’. E ele soltou: ‘Não?! Você não quer?’. Eu lembro que fiquei sem graça e depois saí, troquei de lugar. E não lembro de mais nada.”

Na manhã seguinte, Isabella acordou na casa da amiga, que perguntou se ela lembrava o que havia ocorrido. Ela contou o que recordava: de terem ido ao bar, de ter bebido, e não mais muita coisa. A amiga disse que o homem havia beijado Isabella.

“O quê?!”, exclamou. A amiga contou ainda que outra funcionária ficou muito brava com a situação, e o homem a chamou para conversar do lado de fora do bar. Ele também quis chamar Isabella para a parte externa, mas, pensando no bem-estar dela, a funcionária que estava brava não permitiu. Sua amiga contou que o grupo seguiu para mais um bar, mas ela não se lembra de nada disso.

Ao desbloquear o celular, ela viu diversas mensagens do homem. Ele dizia que poderia passar para buscá-la onde ela estivesse e que os dois precisavam conversar sobre o futuro dela no ambiente de trabalho. Falou também que queria muito passar a noite com ela. Isabella não respondeu.

No dia seguinte, havia a festa de aniversário de uma amiga da faculdade. Ela foi, mas não bebeu e sentiu-se mal durante todo o evento. “Eu não lembrava o que tinha acontecido, sabe? Eu lembro de ter chorado muito quando cheguei em casa. Todo mundo me mandou mensagem, a moça que brigou com ele, as outras meninas... Eu fui na festa querendo ir embora, não bebi e fiquei muito pouco lá. Eu fui para casa e chorei muito mais. O pessoal percebeu que eu não estava bem.”

“Foi muito ruim acordar e não saber o que tinha acontecido, saber que eu tinha sido violada por uma pessoa assim, daquele jeito, que tinha uma fama. Saber também que eu achei que comigo não ia acontecer, que eu ignorei avisos e pensei ‘essa pessoa é muito boazinha, me tratou super bem e tal’.”

Na segunda-feira posterior ao abuso, ela foi pegar água e ele disse “Boa tarde, Isabella!”, em tom irônico. Ela, sem conseguir olhá-lo nos olhos, desejou de volta uma boa tarde. “É... a bebedeira já foi assunto aqui hoje”, afirmou. Isabella sentiu-se extremamente envergonhada, tanto que ele percebeu e voltou atrás na ironia, dizendo: “Não... Só a bebedeira, pode ficar tranquila”.

“Eu sei que não foi só a bebedeira, eu sei que foi assunto geral. Todo mundo deve ter comentado sobre isso. Toda segunda-feira tínhamos reunião de manhã e eu nem participei da reunião daquele dia.”

Com o passar do tempo, ele nunca mais tocou no assunto, raramente curti uma foto ou um story dela. Alguns meses depois, Isabella teve perdas pessoais na família. Ao mesmo tempo, uma funcionária efetiva da instituição, responsável por um setor importante, estava de saída. O homem ofereceu a posição à Isabella. Ela, que estava vivenciando o luto, precisava de um emprego efetivo, já que estava exausta por ter o dia dividido em projeto de extensão pela manhã, estágio à tarde e faculdade no período noturno.

**“Ele ter falado aquilo foi um alívio.
Eu pensei: ‘É pelo meu mérito’.”**

No último dia de trabalho dessa funcionária, a equipe foi a uma festa para que todos se despedissem dela. Como era véspera de Corpus Christi, Isabella trabalharia no dia seguinte, realizando a cobertura fotográfica da data.

Ao saber que Isabella iria à festa de despedida, o homem ficou ligando para ela durante a noite, querendo saber onde estava, duvidando que conseguiria cumprir com suas obrigações de serviço no outro dia. Ela conseguiu trabalhar perfeitamente. Entretanto, depois do feriado, ele iniciou um tratamento de silêncio, constrangendo-a na frente das pessoas. Chamou-a em privado, disse que ficou chateado com seu comporta-

mento, mesmo que tudo tivesse dado certo. Disse também que, infelizmente, a vaga que havia oferecido não estava mais disponível, pois teria sido transferida a outro setor, devido a burocracias da instituição.

“Depois disso, a minha vida virou um inferno.” O homem começou a maltratá-la, deixou de cumprimentar diariamente, de prestar suporte ao seu trabalho e também passou a transferir serviços de outros funcionários para ela. “Eu lembro de um dia que ele foi tão grosseiro comigo, porque eu estava com três demandas e todo mundo me pressionando para uma, enquanto eu tinha que terminar outra. Eu perguntei a uma superior se ela poderia mandar alguém em um lugar que eu precisaria ir, porque tinha muita gente sem fazer nada.” O homem, que era superior às duas na hierarquia do trabalho, não deixou que a colega mandasse alguém no lugar de Isabella. Então, ela foi até o lugar e cumpriu sua função, junto a muitos outros encargos, aos prantos.

Demandas que não eram dela passavam a ser. Enquanto as demandas que eram dela e ela apreciava realizar, eram passadas a outros funcionários. O assédio sexual, quando negado, tornou-se também um assédio psicológico no trabalho.

“Aquela pessoa era muito cruel, ele assediava sexualmente e psicologicamente. Eu lembro de chorar, ajoelhar na igreja e rezar, pedindo que aquilo acabasse, que parasse. Eu não aguentava mais ser maltratada.”

Depois de um tempo, Isabella descobriu por meio de outros funcionários, que além de destrató-la na sua frente e na frente dos outros, o homem juntava grupinhos para ficar difamando-a no ambiente de trabalho, pelas suas costas.

A última vez que Isabella lembra de ter sido assediada pelo sujeito foi no mês em que ele deixou a instituição. Ao fim do expediente, todos da equipe foram a um happy hour. Ela já estava incomodada com o comportamento do homem e disse que ia para sua aula, no período da noite.

Na volta, encontrou o mesmo pessoal bebendo em um ponto da cidade. Algumas pessoas tinham ido embora, outras poucas estavam bebendo. Entre elas, algumas jovens colegas de Isabella, embriagadas, e o homem.

Ela tentou ajudar as meninas que estavam bêbadas e recusou convites do assediador, que queria que fossem para outro lugar. Quando as garotas decidiram acompanhá-lo nesse outro destino, Isabella foi junto para assegurar que nada aconteceria com elas.

No ambiente, ele tentou puxar assuntos com ela e perguntar se eles estavam bem. Isabella manteve a sobriedade e a cordialidade, afirmando que estava tudo bem por parte dela e que qualquer estranheza estava vindo dele, que pediu desculpas e desconversou. Uma das meninas que estava bêbada dançou forró com o homem. Ele tentou tirar Isabella para dançar, mas ela recusou as várias investidas.

Isa sentiu alívio quando encontrou dois amigos homens no estabelecimento, expressou sua preocupação a eles e todos ficaram de olho para que não acontecesse algo, já que o sujeito era conhecido na cidade por sua fama de assediador. Isabella seguiu dançando sozinha e atenta à situação.

Em um momento, ele chegou por trás dela, encoxando e fazendo-a sentir sua ereção. Ela rapidamente se afastou, encarou-o indignada e ele fingiu que nada tinha acontecido. Isabella foi conversar com as amigas alcoolizadas para que pudesse levá-las para casa.

No que conversava com uma das meninas, dizendo que os amigos que encontrou poderiam dar carona, Isabella foi interrompida pelo assediador: “Pode deixar que eu levo ela, pode ficar tranquila!”

A amiga, mesmo alcoolizada, não aceitou. Conhecendo o histórico dele, quando ouviu sobre a possibilidade de entrar em um carro com o sujeito, teve uma forte reação dizendo que jamais aceitaria.

Isabella afastou-se do grupo e combinou com seus amigos, que um deles levaria uma garota para casa, enquanto o outro ficaria com uma delas, impedindo que o homem pudesse se aproximar das duas. Seguindo o plano, eles deixaram o lugar e esperaram do lado de fora.

A divisão de pessoas por viagem se deu para enganar o assediador: disseram que levariam a garota “número um” embora, pois ela estava passando muito mal. E depois, os quatro saíram em casal (Isabella e o motorista; a amiga “número dois” e o outro amigo). O motorista deixou uma garota na casa dela, depois voltou e levou o restante embora.

Nesse pequeno intervalo de tempo, já que a primeira amiga a ser deixada em casa morava perto de onde estavam, o assediador ficou em seu carro, vigiando a cada segundo. Isabella foi falar com ele, dizer que ele não precisava se preocupar e podia ir embora. Ao aproximar-se, ela conseguiu ver sua mão subindo e descendo, tendo a impressão de que o sujeito estaria se masturbando dentro do veículo. Nem desceu o olhar, apenas avisou que estavam partindo, em casais.

Só quando todos partiram, Isabella com o motorista, e a amiga a pé com o outro rapaz, o homem deu partida em seu carro.

Os dois que estavam de carro combinaram um ponto de encontro com os outros dois que estavam a pé. No fim, subiram todos no automóvel e foram deixados em seus lares, extremamente cansados do malabarismo, mas satisfeitos porque as garotas estavam a salvo.

Ao chegar em casa, Isa leu uma mensagem que o homem havia deixado em seu celular: “Se esse cara não aguentar, você me liga que eu vou aí resolver”. Ela ignorou. No dia seguinte, ele voltou a destratar e ignorá-la no ambiente de trabalho.

Logo em seguida, houve um pequeno recesso na instituição, em que ocorreu uma mudança de gestão. No dia em que Isabella retornou, o assediador não trabalhava mais lá. A primeira medida da nova gestão foi desligá-lo.

Isabella deixou o ambiente meses depois, pois voltaria a morar e trabalhar em sua cidade natal. Hoje, está finalizando a graduação, crescendo profissionalmente e compartilhando momentos com sua família.

Sua mãe e irmãos foram peças fundamentais para que ela aguentasse as vivências longe de casa, com apoio incondicional e muito carinho. Isa protege sua família dos detalhes deste abuso até hoje, por medo de machucá-los.

PA TRÍ CIA

Eu digo que não te conheço

“Naquele tempo, não era uma coisa falada, né? Eu dei sinais, na época, que hoje a gente entenderia. Eu sempre tive pesadelos, eu mijava na cama.” Patrícia tem 35 anos e foi vítima de abuso sexual e outras formas de violência na infância.

“Começou com a minha mãe. Ela teve problemas psicológicos. A gente acha que vem da primeira gravidez, ela não sabe quem é o pai e a família acha que foi um estupro, por isso ela ficou meio perturbada. Ela nunca teve um relacionamento, teve quatro filhos, um de cada pai e teve problemas com a bebida.”

A avó foi a principal figura materna de Patrícia, já que foi responsável pela guarda dos quatro irmãos e era chamada por eles de mãe. Sua relação com a mãe biológica era inexistente: “Aquele vínculo materno, mesmo, nunca teve, mesmo morando na mesma casa. Eu não lembro da minha mãe na infância, não tenho lembranças”.

Aos quatro anos, Patrícia viveu um abuso sexual do próprio tio. “Foi uma coisa que eu guardei. Quando a minha avó me pegou para criar, ela já tinha mais de 60 anos, já era idosa. Eu fui criada por idosos, e para eles aquilo não existia, praticamente. Acho que estava fora de cogitação.” Patrícia cresceu mantendo o abuso em segredo.

De nove a dez anos, seu pai biológico passou a conviver com ela e também cometeu abuso. A série de violências e a falta de segurança mudou sua personalidade quando pequena: “Eu fui uma criança mentirosa, terrível.

Porque não tinha regras, né? Não tinha nada. O meu irmão mais velho era traficante, desde os meus cinco anos. Era tráfico de drogas e naquela época não tinha biqueira, era tudo feito em casa, cada um fazia e vendia o seu, não tinha aquela regra”.

“A lembrança que eu tenho da minha infância é, com cinco anos, estar entregando droga no portão. O pessoal apertava a campainha, eu levava e vinha toda feliz com os cinco reais.”

Essas são as memórias que guarda de quando era menina. Também não gosta de desenhos animados e alguns conteúdos infantis, já que não tinha acesso a eles no passado. Há coisas que ela não consegue consumir, porque não foi acostumada: “A minha vida sempre foi meio louca: era meu irmão brigando com alguém, era alguém dando tiro em alguém, a gente escondido, correndo”.

Após esse período, ela conheceu o pai de sua filha. Gostaria de casar, ter uma família e ser feliz fora daquela casa. O relacionamento não deu certo e Patrícia teve de voltar a morar com a avó, o que a apro-

ximou do tráfico de drogas mais uma vez, se envolvendo nas atividades do irmão mais velho.

Naquela época, Patrícia ainda não entendia a gravidade das atividades ilegais. “Eu achava super legal aquilo, me sentia. Aquilo, para mim, era uma felicidade. E minha mãe [biológica] nunca se importou do meu irmão trazer drogas para casa. Ela ajudava a guardar. Mas ela também tinha os problemas dela, escondia as coisas, fazia isso e fazia aquilo.” Até que, um dia, toda a família foi conduzida até a delegacia.

“Ali, eu vi meu chão, mesmo. Falei: agora acabou, vou perder a minha filha, vou perder tudo.”

Conseguiram realizar um acordo de soltura para ela. Patrícia e o irmão mais velho foram liberados, enquanto o irmão mais novo ficou detido. “Isso é um remorso que fica para mim, o meu irmão mais novo ter ficado preso e eu não, porque ele não estava trabalhando, eu que estava. Ele não estava e ficou no meu lugar.”

Todos os irmãos e, de certa forma, até mesmo os outros familiares, como a mãe e os avós, tinham medo do irmão mais velho. Patrícia conta que ele não permitia que os parentes saíssem e buscassem emprego, pois perderia parte do faturamento. O irmão era agressivo e agredia todos eles. “Ele ameaçava a gente, com o jeito

de falar. Todo mundo tem medo dele, até hoje. Ele está preso hoje. Todos têm medo dele, até a minha mãe.”

Quando o irmão foi preso, aproximadamente seis meses após o evento da delegacia, todos ficaram aliviados, pois poderiam buscar outros caminhos. “A gente ficou triste, é lógico, mas deu um grande alívio.”

“Foi quando eu falei: ‘Eu vou mudar de vida’. Se Deus me tirasse daquela delegacia, eu prometi que ia mudar de vida e entrar pela porta da frente. Então, eu fiz o FIES e fui estudar Direito.”

Patrícia narra que, durante esse período, foi transformando seus valores e crenças e acabou conhecendo o atual marido, que a auxiliou no processo de recuperação, por não se envolver com as coisas que considera erradas e manter-se fiel a seu caráter.

Quando ela estava no momento mais feliz e estável de sua vida, a depressão a alcançou. Tudo o que ela viveu na infância veio à tona, desestabilizando o seu psicológico.

“Na primeira vez, eu tomei medicação e eu mesma parei por conta, achei que estava tranquilo. Isso foi na pandemia. E ela veio de novo, mas veio daquele jeito. Hoje eu tenho convênio, o que tem me ajudado muito, estou passando no psiquiatra e fazendo terapia. Sei que nada é de um dia para o outro, demora muito, mas estou assim por enquanto”.

Patrícia também trata dos efeitos do trauma em sua escolha por proteger outras crianças: “Uma coisa que me fez sair da casa da minha mãe foi quando meu tio passou a morar lá, porque eu tenho uma filha, né? Nessa época, a minha primeira depressão começou a me transtornar. Eu precisava trabalhar e não tinha como deixar ela lá. Comecei a surtar. Um dia, eu peguei ela à 1h da manhã e saí de casa, fui para a casa da minha sogra e do meu marido, falei: ‘Não consigo mais ficar lá, eu tenho que sair. Não vou ficar em paz se eu souber que o mesmo aconteceu com ela’”.

“Quando eu tive uma menina, foi uma das coisas que eu prometi, que ela não ia passar por isso.”

Ela compreende o fato de ter se tornado uma pessoa obesa como resposta ao abuso sofrido, porque se escondia na comida, durante a infância e adolescência, o que a fez vivenciar diversas situações de bullying. Sua

estrutura familiar também desencadeou situações traumáticas e de insegurança, já que o irmão se envolveu com atividades ilegais e, em seguida, “foi um levando o outro”.

“Eu me tornei um alvo fácil, estava escrito aqui [mostra testa], ‘pode abusar que ela não conta’.” Devido aos abusos praticados pelo pai e pelo tio, Patrícia nunca teve vontade e confiança para falar sobre essas situações com alguém de sua família ou de fora.

Em 2023, uma prima engravidou de estupro, aos 13 anos. O crime foi cometido por um tio de Patrícia, pai da prima. Vendo o sofrimento da menina, Patrícia se enfureceu e disse: “Bom, ele não é o único na família”.

“Nisso que eu soltei, não tive como não contar.”

A avó afirma que o filho não fez nada. Patrícia entende que ela é de outro tempo, com 94 anos, e respeita a proximidade entre eles, mas não aceita estar no mesmo ambiente que o abusador.

“Depois que eu contei, não consigo mais ficar no mesmo lugar que ele. Antigamente, ainda suportava ir lá, porque é a casa dela, é o filho dela. Ele é um morador de rua hoje, mas sempre vai lá ver a mãe. Eu não posso privar isso, porque ela é mãe dele. Só que hoje eu não me permito mais estar na presença, se eu chego lá e es-

cuto a voz, eu já saio. A minha mãe biológica já sabe que eu volto depois, ela liga para mim e avisa quando ele foi embora. Eles [geração mais nova] já respeitam mais isso.”

Ao falar da prima, que teve a possibilidade de realizar um aborto legalizado por conta do estupro, Patrícia explica que as tias, irmãs do abusador, fazem questão de ficar do lado dele e dizer que a culpa é da menina. “Elas falam que foi culpa dela, que ela se esfregou para ele, que ela era uma piranha, que ela que deixou.” Atualmente, o criminoso é foragido e sustentado pelas irmãs, que fazem compras e enviam dinheiro.

“Ela só contou porque começou a passar muito mal, porque ficou grávida. Só assim descobriram.”

Durante a pandemia, Patrícia trabalhava como atendente de telemarketing e começou a ter muitas crises de pânico e ansiedade por conta do serviço e do transporte público. Nesse período, surgiu a oportunidade de trabalhar em uma escola, de segunda a sexta-feira. Hoje em dia, ela segue trabalhando na instituição e explica: “Eu sou bem protetora com as crianças. Se vejo uma criança que está com questões de maus tratos em casa, de banho, de piolho, ou marcas na pele, eu fico desesperada em querer proteger”.

Mesmo que o trabalho tenha sido uma oportunidade de sair da situação que a fazia mal, Patrícia ressalta que sua real paixão é o Direito, que quer trabalhar com advocacia e, possivelmente, fazer uma faculdade de Serviço Social no futuro.

Em relação à vida pessoal, ela se esforça para adaptar-se a novos ambientes, já que a dinâmica da família do marido é totalmente diferente da dela. Seus novos parentes são muito próximos e ela tenta se envolver nos costumes.

Patrícia não tem fotos com seus irmãos; eles não se reúnem em festividades ou mantêm relações de proximidade. “A minha vó, eu falo assim, que ela não recebeu amor e não soube dar. Eu fui levando isso um pouco para a minha filha, eu não recebi e também não soube dar. Fui adaptando, mas não do jeito que eu queria.”

“Acho que a gente, não sabe dar o que não recebeu. É muito difícil essa parte, para mim.”

Além disso, ela cita a necessidade de ajudar a todos e a sensação de desespero quando isso não é possível. “Parece que a gente sempre tenta agradar as pessoas. Não sei como explicar, mas parece que a gente tenta

ser aceita, né? Que a gente não é aceito. Não sei se é por causa do que eu vivi, mas parece que a gente sempre tenta fazer alguma coisa para as pessoas gostarem da gente, que a gente nunca é o suficiente.”

Hoje em dia, Patrícia está cuidando da saúde mental. Ela explica como foi difícil para que o marido compreendesse sua luta contra a depressão. Quando ele teve outro caso na família e teve que acompanhá-lo de perto, começou a entender mais.

“Com a terapia tem sido ótimo.” Patrícia vem trabalhando, com psiquiatra e psicóloga, suas questões. Ela compreende que – como parte da população – tinha certo preconceito com os tratamentos psíquicos, por achar que eram “coisas de doido”, mas que buscar auxílio com profissionais da saúde foi sua melhor decisão.

EMI LUA RA

Mão, cheia de dedo

Ao escolher tratar do tema “violência de gênero”, compreendi a necessidade de abrir e, ao mesmo tempo, fechar algumas feridas dentro de mim. A abertura ocorre no sentido de revisitar conscientemente lugares que, por muito tempo, tentei esquecer, vindos do trauma. Já o fechamento passa pela tentativa de superação da visita involuntária a esses lugares, que age como um caminhar sobre cacos de vidro.

Não é possível sentir a dor do outro, ou saber o que é ocupar verdadeiramente o lugar alheio. Entretanto, tendo vivenciado traumas causados pela violência de gênero, me senti próxima aos relatos das mulheres entrevistadas.

Nesse processo, tive a necessidade de contar a minha história.

Desde a infância e adolescência, soube aproveitar o novo e transitar entre diferentes atividades. Fui do ballet ao jazz, da natação à dança, do teatro ao curso de modelo e inglês. Minha família se sacrificou para que eu pudesse testar novas modalidades e ter acesso a ambientes que eles não tiveram com facilidade. Meus pais sempre valorizaram a educação, o esporte e o lazer, fazendo o possível e impossível para que eu tivesse todas as oportunidades nas áreas que aspirasse.

Quando estava com (algo próximo de) cinco ou seis anos, fui a um aniversário de família. Lembro de estar em um clube mais distante, com piscinas e churrasqueiras. Sempre gostei de água: praias ou piscinas de plástico, para mim, não havia distinção, tudo me deixava feliz.

Durante o evento, vários adolescentes e crianças maiorzinhas brincavam de jogar uns aos outros na piscina. Um menino, vendo toda aquela diversão, me empurrou na piscina enquanto eu estava falando com meus pais, tendo uma discussão boba sobre encher minhas boias de braço. Ele é uma pessoa com deficiência cognitiva e todos me explicaram que não tinha noção do que estava acontecendo, pois pensou que o ato faria parte das brincadeiras.

Lembro que nem me importei na época, era bem tranquila e entendi a situação, mesmo ficando abalada. O problema é que meus pais estavam dentro da piscina e eu do lado de fora, mas quando percebi, já estava dentro também. Estava sem minhas boias de braço e afundei.

Era uma piscina funda, mas a irmã mais velha do próprio menino me resgatou. Ela nadou e me colocou na beirada da piscina.

Como me afoguei, meus pais decidiram que era hora de me colocar na nataçãõ. Eu era uma criança meio bobona, daquelas que não tem força para se defender. No caso, não tinha coragem, já que eu era uma criança grande para a minha idade. Sempre fui uma das maiores da turma, cheguei ao sexto ano com a altura

que tenho hoje: um metro e sessenta e três. Ouvia desde pequena que parecia ter muito mais idade do que realmente tinha e, por vezes, era tratada como tal. Contudo, tive minha primeira menstruação também no sexto ano e logo parei de crescer.

Em outra ocasião, a filha do namorado de uma tia me jogou em uma piscina e me afoguei. Ela tinha a mesma idade que eu e tendo em mente que eu era um alvo fácil para o afogamento – e bullying –, a decisão dos meus pais de me colocar na natação foi muito acertada.

Comecei as aulas ainda pequena, eu adorava! Me dei muito bem com as professoras, eram duas. O primeiro “nível” de aulas era na chamada “mesinha”, que consistia em uma raia da piscina para os alunos menores, onde havia plataformas (como mesinhas, de fato, embaixo da água), que as crianças utilizavam de apoio e nadavam de uma base à outra.

Não fiquei tanto tempo na “mesinha”, já que era considerada uma criança grande e aprendi a nadar com facilidade. Lembro de conseguir, em pouco tempo, fazer mais de um estilo de nado. Meu ponto fraco era o salto para entrar na piscina, nunca consegui aprender a entrar de ponta, era barrigada para todo lado.

Fui saltando raias como quem salta amarelinha. Eu via as raias da piscina como aventuras e sempre quis estar entre os alunos maiores. Com o passar do tempo, consegui, era uma das mais rápidas da minha turma (empatada somente com uma menina de dezesseis anos, enquanto eu estava lá pelos meus dez e achava o

máximo), dominava os nados, controlava bem a respiração, ia e voltava com facilidade várias vezes. Eu também praticava outros esportes, era ativa e feliz.

Não me lembro de quando ele chegou, não sei dizer ao certo qual era a minha idade, tenho apenas alguns indicativos de tempo que me contam os períodos e duração do pesadelo. Me refiro aqui a um professor de natação dos alunos maiores.

Já tentei buscar na memória um milhão de vezes quando foi que ele chegou, como tudo aquilo começou, mas não sei dizer ao certo, é como se ele estivesse sempre lá, impregnado na minha memória.

Eu adorava ter aula com a professora Shirley - nome inventado - e com outras professoras, mas lembro que, com a mudança de horários e dias, acabei na turma de-

le. Ele era divertido, fazia piadas e brincadeiras, conversava muito comigo.

Não sei se começou no quinto ou no sexto ano, mas tenho certeza que durante o sexto e sétimo ano já ocorria, pois a data da menarca ficou marcada na minha cabeça. Também tenho certeza de que já estava no Ensino Fundamental II (que corresponde ao período do sexto ao nono ano) na primeira vez em que falei sobre isso foi com alguém, uma amiga da minha classe. Sou de 2002, cursei essa etapa do ensino de 2013 até 2016, conversei com essa amiga no oitavo ano. Esses são alguns dos indicativos de tempo que comentei, uso isso quando tento pensar em como tudo começou ou quanto tempo durou.

Não tenho precisão de início ou de qual foi o primeiro assédio, mas lembro que ele começou a se aproximar de mim sem disfarçar nos descansos entre as minhas séries, quando o aluno que dividia a raia comigo ia até o outro lado, quando eu chegava e quando ia embora. Ele começou a estar presente em tudo.

Ao rememorar os momentos para descrevê-los, meu estômago se embrulha e meus olhos enchem de lágrimas.

Um momento do qual sempre lembro e sinto que poderia ter sido um alerta é o que vou descrever aqui. Ao mesmo tempo em que penso na possibilidade de alerta, também penso: “Como uma criança poderia sentir essa maldade? Como poderia estar alerta a algo

tão desprezível?”. Eu estava descansando entre séries e, como uma boa nerd, repetindo palavras em inglês, para uma chamada oral da escola. Ele me viu falando sozinha e perguntou o que eu estava fazendo. Respondi que estava praticando para uma prova, e ele me mandou recitar a lista de palavras. Depois de me ouvir treinar, ele me disse: “Emy (pronunciando “EMAI”) é assim que seu nome fica em inglês. Emi é Emy e ‘my’ significa minha”. Eu lembro de desconversar, achando estranho, e seguir com meus exercícios.

Em outra ocasião, no mesmo lugar, já que ele sempre me deixava na última raia, próxima ao vestiário e à muretinha externa à piscina, onde ele ficava debruçado, puxou assunto, fez piadas e falou que meu riso era muito gostoso. Depois, prosseguiu: “Você é muito gostosa. Muito gostosa”. Acho que ele percebeu a estranheza no meu rosto e logo complementou: “Mas não vai contar para ninguém, tá? Ha, ha, ha!”. Realmente, não contei, tive vergonha e medo.

Chega a ser fácil olhar para essa situação hoje em dia, sabendo o que sei, tendo vivido o que já vivi, e achar que deveria ter feito algo no momento.

Sim, deveria, mas como aquela criança contaria a seus pais que um homem adulto está chamando-a de gostosa sem se mortificar de vergonha? Infelizmente, o estigma toma conta, a impotência e o sentimento de culpa dominam.

Tenho lembranças de pensar que se contasse a meus pais, eles iriam na academia brigar e ele perderia o emprego. “E se ele não for do mal?”, “E se for tudo coisa da minha cabeça?”. Eu pensava em vários cenários que poderiam ocorrer caso eu dissesse algo e nenhum deles era positivo. Nós mulheres, mesmo quando estamos certas, somos ensinadas a nos preocupar sobre estarmos erradas e prejudicar alguém que, na teoria, poderia ser inocente. Ele não era.

Esse tipo de situação se tornou recorrente e ele passou a fazer investidas físicas. Eu chegava nas aulas de manhã, geralmente, comendo um bolinho Ana Maria ou uma barrinha de cereais, algo que tivesse sustância para o exercício. Fui beber água no bebedouro para terminar de engolir o bolinho, ainda de moletom sobre o maiô e já de touquinha na cabeça. Ele disse que eu estava atrasada e me mandou beber água direto da garrafinha dele para agilizar. Isso aconteceu ao lado da recepção, onde tinha mais adultos, mas ninguém estranhou. Eu nem estava atrasada, mas bebi a maldita água, sem encostar a boca, o que visivelmente não escapou ao seu olhar atento e emburrado.

Os assédios físicos se tornaram constantes. Nessa época, eu fazia aula dois dias de manhã, meu pai me levava e buscava. Quando ele ficava na recepção, que

tinha janela de vidro para a piscina, o professor era mais distante e chegava até a cumprimentá-lo.

Houve outro dia em que eu cheguei e ele veio me cumprimentar com um beijo. Meu pai não estava lá e ele me deu um beijo na boca, com metade da boca tocando metade da minha boca. Foi um assédio em forma de selinho.

Eu lembro de querer morrer.

Não sei em que ano ocorreu, mas ainda não tinha beijado ninguém na vida e fiquei com medo daquilo contar como um primeiro beijo. Fiquei com nojo, muito, muito nojo. Tive raiva. Tive ódio. Ele tinha arruinado até um futuro primeiro beijo, na minha cabeça de criança.

Ainda não havia contado aos meus pais. A vergonha, a sensação de culpa e o ódio de mim mesma me consumiam. Eu tinha ódio do meu corpo. Corpo maldito. As palavras “muito gostosa”, que saíram da boca dele, me corroíam por dentro e ecoavam na minha mente. Tive nojo de mim. Tive ódio do corpo que o atraía e que, para mim, era o culpado de tudo aquilo.

Pedi para meus pais me trocarem de horário. Falei que precisava ir à nataçãõ depois da escola: à noite ao invés de manhã. Comecei a faltar, dando desculpas de que a menstruaçãõ atrapalhava o nado (por isso, falei no início que a menarca é outro indicativo de tempo. Lem-

bro de agradecer aos céus pela possibilidade de desculpas como essa). Como nossa rotina só possibilitava uma troca de horário, eu passei a ir segunda-feira à noite e quinta-feira de manhã.

Outro indicativo que tenho para processar o tempo é a van escolar. Quando passei a ir à noite, o veículo me deixava na porta da academia, já que ela ficava em um bairro vizinho ao meu e algumas crianças da escola moravam nele. Quando conversei com o motorista, para me deixar lá, uma garota mais velha comentou que também havia feito natação lá. Era Nilce (outro nome fictício), uma pessoa querida, que perguntou quem era meu professor. Quando falei quem era nas aulas da manhã, ela falou sobre como ele era uma pessoa super gente boa e engraçada. Eu respondi que sim e falei sobre como ele era bacana, enquanto tudo o que passava pela minha cabeça era:

“O problema sou eu”.

Fui ter minha aula à noite e quem eu vejo dentro da piscina, dando aula para as crianças da “mesinha”? Exatamente, ele.

Desespero.

Fingi que não tinha visto, fiz a aula com um novo professor, que era filho do dono da academia. Acabei.

Quando estou me dirigindo ao final da raia, quem já li-

berou as outras crianças e está cruzando as raias da piscina para vir falar comigo? Ele se deu ao trabalho de vir até mim, me abraçar dentro da piscina, me tocar com aquelas mãos cheias de dedos, onde as pessoas que estão fora não poderiam enxergar. Nessa situação houve toques inapropriados na minha cintura e uma apertação desnecessária ao abraçar, aproximando nossos corpos à força. Ele puxou assunto sobre o horário e eu disse que tinha alterado um horário na semana e que minha mãe estava esperando. Eu ia de van e voltava a pé com a minha mãe. Era melhor ter que voltar a pé, uma vez na semana, após um treino intenso, fisicamente moída e com cabelos molhados no frio, do que conviver com ele mais um dia. E ainda assim, mesmo fugindo, tive que conviver dentro da piscina, ainda por cima.

Acho interessante colocar aqui que a última vez em que toquei nesse texto foi há 24 dias. Eu basicamente escrevi o parágrafo acima e travei. Nesse período, tive sonhos em que ele aparecia, nos dias atuais, e em todos eles eu gritava. Gritava de desespero, apontando que ele era meu abusador e que não deveria ousar chegar perto de mim.

É muito pesado conviver com um trauma e ainda mais pesado conviver com o fardo de que, para a minha criança interior, que se pronuncia no meu subconsciente, ele ainda seria alguma coisa na minha trajetória, uma marca inapagável, “meu abusador”. Sei, conscientemente, que ele não é nada meu. Mas, ainda assim, meu sonho e minhas atitudes em cada sonho, que acontece na minha perspectiva, denunciam um medo extremo de encontrá-lo hoje em dia, de estar no

mesmo lugar que ele e reconhecê-lo, ou pior, de ser reconhecida por ele. Tenho plena consciência de que devo ser apenas mais uma criança que ele feriu, uma dentre várias, com o mesmo modus operandi. Entretanto, o medo é assustador e congelante.

Naquele tempo, passei a faltar muito na natação e arrumar desculpas para que ninguém desconfiasse do motivo, falava para meus pais que estava “naqueles dias”, com dores ou cansada.

Em uma aula na parte da manhã, quando cheguei à academia, o professor estava de touca de natação e sunga. Disse que a aula seria dentro da piscina.

Eu não era uma criança desinformada, minha mãe e meu pai me conscientizaram desde muito cedo quanto a possíveis predadores sexuais e o que eu deveria fazer caso eles cruzassem meu caminho. Ainda assim, todo o resto falava mais alto: o que aconteceria se eu contasse? Ele seria demitido? Todos ficariam sabendo? “Ah, se a gente parar para analisar nada realmente grave aconteceu, preciso deixar isso quieto”.

Nessa aula em específico, eu tenho a lembrança de ficar repetindo para mim mesma: “Nada vai acontecer, porque alguém veria”. Fui até o vestiário, deixei minhas coisas e entrei na piscina. Ele procedeu ensinando alguns movimentos e fazendo exercícios com todos os alunos na raia.

Em seguida, disse que ia ensinar a todos como “dar impulso na saída”, movimento que consistia em empurrar a parede da piscina com os p s, tomando

mais força e rapidez para uma saída efetiva. Acontece que esse recurso era considerado básico para os alunos da última raia, quer dizer, não estávamos fazendo isso desde a “mesinha”?

Assim, ele ficava por trás de cada aluno, pegando seus braços e colocando-os para o alto, como um foguetinho. Depois de esticar o aluno, estando atrás dele, deitava-o horizontalmente, com a mão por baixo de sua barriga, o que fazia com que o estudante tomasse impulso na parede e saísse nadando.

É claro que ele me deixou por último.

Depois que todos os alunos haviam ido até a outra ponta da piscina, ficamos apenas nós dois. Eu já estava sentindo a maldade e tentei me afastar ao máximo dele no processo. Obviamente, ele sentiu essa tentativa e fez com que ela fracassasse.

Ficou atrás de mim, colado em meu corpo, pegou meus braços e os estendeu para cima, na posição de foguete. Ficou um bom tempo assim, dizendo que eu deveria estar mais esticada. Em todo esse período, ficou roçando seu pênis em minhas nádegas, ereto.

Eu tinha a mania de manter o corpo inteiramente abaixo da água; do pescoço para baixo, tudo ficava submerso. Isso porque, como disse, me desenvolvi rapidamente e, com pouca idade, já parecia uma menina mais velha. Tinha um medo, quase inconsciente, que reparassem em meu busto ou outras partes do corpo e tentava camuflar algumas delas.

Com uma mão segurando as minhas mãos no alto e a outra apalpando a minha cintura, ele ficou fazendo com que eu sentisse seu órgão. Eu apresentei desconforto e tentei me afastar, não conseguia. Me pegou, como fez com outros alunos ao colocar a mão embaixo da barriga, mas me tocou no busto, colocando-me horizontalmente. Peguei impulso e nadei para o outro lado.

Durante o percurso, que geralmente era curto, mas dessa vez pareceu uma eternidade, eu lembro de literalmente abrir a boca dentro da piscina e ficar falando comigo mesma:

“Meu Deus! O que está acontecendo? Será que ninguém está vendo isso?”

Ele fez o percurso até outro lado e começou novamente o processo com os alunos. Dessa vez, acompanhando o estudante até uma altura da piscina e, depois, voltando para fazer o mesmo com o restante.

Ficamos apenas eu e mais uma garota, pensei: é agora ou nunca. Enquanto ele levava o antepenúltimo aluno, falei: “Nossa, mas é muito estranho isso, né?” e fiz uma cara de nojo. A menina respondeu que era “desnecessário”, porque já sabíamos fazer aquilo.

Ele voltou, saiu com ela e veio até mim, novamente o mesmo abuso. O pênis, a apalpação, os toques indevidos, a esfregação. Fiquei observando quando ele fez o movimento com a outra aluna, não achei que foi igual.

Mais uma vez, minha mente me dizia:

“Você é o problema”.

Do lado inicial, a mesma nojeira: exercícios, movimentos e a partida com impulso. Todos foram e eu fui deixada por último. Tentei furar a fila e ele me mandou para o final. Na minha vez, repetiu os toques, com mais força, eu sentia a rigidez de seus movimentos e a força ao me apertar. Me distanciei com força, ainda com os braços para o alto, coloquei a barriga para frente. Ele utilizou suas pernas para segurar as minhas, pela lateral. Ficamos como uma letra “D” nesse momento, ele sendo a linha vertical e eu sendo a curva, tentando me desvencilhar de seu corpo.

Colocou meu corpo na horizontal rapidamente, ainda tocando meu busto. Dei impulso “no ar” mesmo e saí

nadando. Nem cheguei a tocar a parede, apenas saí muito rápido.

A aula acabou daquele outro lado, onde nunca acabava. Ele dispensou todos. Eu saí pela escadinha dos alunos menores, estava atordoada.

No vestiário, uma senhora, que trabalhava na limpeza da academia e sempre conversava comigo, perguntou se estava tudo bem, se minha pressão tinha caído. Eu estava pálida.

Fui embora, tive meu dia normal, fui à escola. Não tive tempo para refletir sobre o que havia acontecido e nem queria tentar, precisava esquecer.

Não queria mais ir à nataçãõ. Fui poucas vezes depois disso, em horários com outros professores. Não fazia questão de cumprimentá-lo e entrava e saía rapidamente da piscina, para que não tivesse chance de aproximação.

Como meus pais, que não faziam ideia da situação, pegavam no meu pé, devo ter ido pouquíssimas vezes nas aulas desse professor, por obrigação. Pouco tempo depois, me deram um ultimato, que eu deveria manter uma frequência de presença ou apenas realizar outros esportes. Desisti, pedi para sair.

Falei sobre isso poucas vezes. Geralmente, quando alguma amiga relatava um caso de assédio. Eu sentia que era um lugar seguro para compartilhar parte da história, nunca contava tudo. Gostaria que essas meni-

nas se sentissem acolhidas e mostrava que entendia a sensação. Eu compartilhei isso com uma amiga que estava se sentindo esquisita com o comportamento de um homem adulto em sua igreja, no oitavo ano. Mas apenas disse que ela deveria contar a seus pais, pois tinha passado por uma situação parecida e não havia contado. Comentei com duas amigas no Ensino Médio, em que uma estava chorando no banheiro, desabafando conosco e contando que seu pai a havia assediado. Dei o mesmo conselho: buscar ajuda. E disse que também passei por assédios de homens adultos: o melhor era contar a alguém. Depois, já na faculdade contei a uma amiga, em uma conversa sobre homens desrespeitando mulheres na cidade. Lembro de também ter partilhado essa história em um grupo de oração que frequentei, ainda no oitavo ano, a história era muito recente e eu estava aprendendo a racionalizá-la, a enxergá-la como problemática. Contei, um pouco também, a um parente por parte de mãe, em uma discussão sobre a necessidade de preservar os direitos das mulheres.

Meus pais só foram conhecer a situação tempos depois. Acho que eu estava no primeiro ano do Ensino Médio ou nono ano do Fundamental. Eles comentaram que eu tinha abandonado a natação e deveria engatar em outro esporte ou voltar a nadar, pensando na minha saúde. Nada disso era culpa deles, mas eu explodi. Disse que jamais voltaria a nadar e que eles desconheciam minhas razões para ter abandonado a modalidade. Depois disso, contei. Não tinha forças para falar daquilo como falei aqui, com detalhes e contando o avanço gradual do abuso, mas falei do que foi mais grave, e me acolheram desde o início.

Ficaram irados com a situação, e, atualmente, o tema não é mais um tópico sensível. Podemos falar e refletir sobre isso. Acho que foi em 2020, que meu pai foi até a academia e conversou com o dono, contando toda a situação. O proprietário disse que o professor não estava mais lá. Conversei com meu pai sobre isso, tive orgulho por ele denunciar o abusador e por pensar em proteger outras crianças, mas ao mesmo tempo expliquei que ele deveria ter conversado comigo antes de fazê-lo, pois fui eu quem vivenciei tudo aquilo e sou eu a pessoa que deve decidir a hora de expor a situação ou reviver esta ferida, até porque não há provas concretas para realizar uma denúncia legal, e o dono da academia e o assediador eram amigos no passado.

Mesmo que tivesse comentado com outras pessoas, em momentos de apoio a mulheres ou de minha vulnerabilidade, só fui contar toda a história em 2019, para minha psicóloga. Ali, entendi o acontecimento como um abuso, já que até então, pensava nele como assédio. Por não ter tido penetração, eu tentava minimizá-lo e reduzir sua gravidade. Era uma interpretação errônea e foi desconstruída com anos de terapia e estudo.

Essa não foi a única situação em que um pedófilo me invadiu de alguma forma. Quando frequentava a igreja, ainda pré-adolescente, um homem que fazia parte da Pastoral da Acolhida dava em cima de mim, pedia meu telefone e falava que não deveria contar aos meus pais. Conteí.

Em outro momento, o pai de uma amiga da minha idade me assediava de forma digital. Pessoalmente, ha-

víamos trocado pouquíssimas palavras, mas ele passou a responder todos os meus stories com mensagens inapropriadas. Eu apenas ignorava. Tinha 15 anos. A amiga viu as mensagens pelo celular de seu pai e, envergonhada, me pediu desculpas por aquilo. A mãe dela era amiga da minha mãe, esposa do homem. Contei aos meus pais depois.

Foram diversas as situações em que homens adultos me fizeram sentir culpada por basicamente existir. Eram toques inapropriados de conhecidos, cosquinhas, atitudes e falas que são normalizadas e fazem com que as mulheres sintam culpa.

Um dia desses, do nada, procurei o Facebook da academia, rolei as mídias até o final e encontrei fotos do professor. Ainda vendo as imagens, percebi a presença de uma criança miúda em uma foto. Era eu. Na minha lembrança, eu era esse baita mulherão, que provocava reações em homens adultos.

Mas não, eu era apenas uma criança.

Hoje, realizo este trabalho para que outras mulheres não sejam responsabilizadas pela situação que as violentou. Estou finalizando a graduação em Jornalismo e sonho em trabalhar com arte, cultura e sociedade. Amo cinema, moda, literatura e música. Me permito viver sem uma culpa que não é minha, sei que sou mais do que o que me aconteceu. Sou Emi Luara e sou livre.

NOTAS SOBRE A OBRA

Os perfis começaram a ser produzidos em janeiro de 2024. Assim, houve conversas posteriores com as sobreviventes, que acrescentaram informações aos detalhes dos relatos.

Em todos os perfis, os nomes que aparecem são fictícios, para preservar a privacidade e segurança da fonte, bem como para a não-identificação dos envolvidos nas narrativas.

Todas as entrevistadas permitiram a reprodução de seus depoimentos, em forma integral.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a quem secou as minhas primeiras lágrimas na vida e o faz até hoje, meus queridos pais. Obrigada por me acolherem, me permitirem ser quem sou e estimularem minhas esquisitices. Por serem céu, que prepara minhas asas ao voo e por nutrirem a terra, que mantém meus pés no chão.

Mãe, eu não poderia fazer nada sem você. Obrigada por encher a minha vida de referências femininas de força, resiliência e sabedoria, e por ser a maior delas. Por defender o que é justo e aqueles que não têm defesa. Obrigada por sempre acreditar, mesmo quando eu não acreditei. Por bater na porta do meu quarto nas madrugadas que passei em claro, com um lanchinho em mãos e um chamego. Pelo riso leve. Pela esperança em meio à confusão. Por sempre exigir o melhor de mim, sabendo que eu daria conta. Te amo!

Pai, me desculpa por pedir para você cantar baixo enquanto eu precisava de silêncio para escrever isto aqui. O som da sua alegria é o meu favorito no mundo. Obrigada por se permitir ser um homem sensível, que sente, chora e se expressa. Aprendo com você todos os dias. Obrigada por sempre se interessar, por me ouvir por horas no carro, por contar piadas bobas que tiram a seriedade da rotina. Por, desde sempre, definir um altíssimo patamar de como os homens da minha vida deveriam me tratar. Te amo!

Agradeço às mulheres fortes e sábias que dividiram suas histórias comigo e com o mundo. Este trabalho não teria saído do papel se não fosse pela coragem e garra de cinco mulheres que levarei, para sempre, no coração e na memória com admiração.

Karina, minha orientadora, acho que você nem imagina o impacto que tem na minha formação enquanto jornalista e pessoa. Obrigada pela presença, pela paciência, por me fazer sair mais calma e motivada de cada orientação e pelas “beijocas” ao fim das mensagens.

Aos amigos, à família e todos que me fazem sentir amada, o meu muitíssimo obrigada. Meu relato aqui, é mais marcado pelo amor que me circunda e me faz ser quem sou do que por qualquer violência experienciada. Amo vocês. Obrigada por torcerem, por acreditarem e por me apoiarem de forma incondicional.

A todos que transitaram em meu caminho e tornaram essa obra possível, obrigada.

Por fim, agradeço a você, leitor/a. Um livro não nasce quando é escrito, mas quando é lido e passa a existir na consciência de outro alguém. Obrigada por me dar essa chance e por me permitir dizer: escrevi um livro.

